

A difícil República



Por **GABRIEL COHN***

Apresentação do autor ao livro recém-lançado

Modos de vida civil. Essa é a formulação original do lema condutor do conjunto de artigos que se lerão neste livro. São dois temas que se entrelaçam. Primeiro, a forma na qual a vida se apresenta para as pessoas em suas ideias, suas formas de convivência e sua relação com o mundo. Que pessoas, e qual a forma de vida nisso envolvidas?

Esse é o segundo ponto. Não se trata de pessoas genericamente consideradas. São cidadãos e cidadãs, portadores de nada menos do que da cidadania – ou daquilo que, embora de modo distorcido pelas circunstâncias, os caracteriza como cidadãos. E nisso se chega ao ponto decisivo. A cidadania moderna que nos ocupa aqui tem um duplo fundamento.

O primeiro alude ao conjunto de motivos, condutas e valores que formam o ambiente em que as pessoas se movem. Depois, não é qualquer ambiente, unicamente aquele que pode ser designado civilizado. Está em jogo nada menos do que a civilização, em uma de suas vertentes fundamentais, a política. E, ainda, não a política de maneira genérica e sim como modo de organização da vida coletiva no registro do poder, em sua dimensão institucional tomada na forma mais abrangente em específico registro, como república.

O desdobramento mais imediato disso concerne à relação entre desta com a democracia como forma de organização institucional e também como padrão de conduta. A realização disso tudo está repleta de exigências severas, de caráter histórico no prazo mais longo e de caráter conjuntural em cada momento.

São as exigências e dificuldades da vida civilizada e republicana em contexto como o brasileiro que formam o núcleo dos artigos aqui recolhidos, escritos em diferentes momentos. Isso se aplica desde o primeiro e mais abrangente deles, sobre civilização, cidadania e barbárie, até o mais específico sobre o fascismo em sua possível versão brasileira, passando pelo tratamento do tema do desenvolvimento por um ângulo pouco usual, o do processo civilizador, e por uma mescla de reflexão mais teórica e referências muito concretas quando se fala precisamente do tema que identifica o livro, a “difícil república”. Este último constitui algo como um primeiro esboço de estudo mais detido, a ser retomado.

Também os textos sobre dois intérpretes brasileiros de nossa sociedade e nossa história, o socialista Florestan Fernandes e o liberal Raymundo Faoro, exibem, conquanto de modo mais matizado, a mesma grande preocupação intelectual. Mais remotos em relação ao tema, porém na realidade também relevantes numa perspectiva muito ampla e ambiciosa, aparecem os dois artigos finais, marcados ambos pela atenção a um problema básico como o da temporalidade, o modo de presença do tempo.

Isso ocorre tanto em seu tratamento específico no diálogo com o sociólogo português Hermínio Martins (frustrado, pois, por ironia temporal: ele faleceu no exato momento em que se encerrava sua redação) quanto no único caso em que me

aventurei a enfrentar, mal ousando ir além de uma diminuta fração das questões que ele propõe, a gigantesca figura de Marx. Parodiando antiga frase confessional retomada por Marx em uma ocasião (na crítica ao programa de Gotha da social democracia em sua época), “disse e salvei minha alma”, *dixit et salvavi animam meam*.

Uma longa trajetória em campo minado por problemas de toda ordem, tão importantes quanto fascinantes. Bom seria se ao ler algum desses textos o leitor e a leitora sentisse o mesmo arrependimento que eu ao escrevê-lo.

***Gabriel Cohn** é professor emérito da FFLCH- USP. Autor, entre outros livros, de *Weber, Frankfurt. Teoria e pensamento social* (Azougue).

Referência

Gabriel Cohn. *A difícil Repúblíca*. Rio de Janeiro, Azougue, 2023 (<https://amzn.to/47vHjLs>).

O lançamento em São Paulo será na segunda-feira, dia 17 de abril, às 19 horas, no Bar Balcão (Rua Dr. Melo Alves, 150).

O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[Clique aqui e veja como](#)